

Introdução

Os que ensinam a muitos a justiça r
efulgirão como estrelas sempre e eternamente.
(Dn 12,3)

Ao apresentar esse número especial em homenagem ao Prof. Afonso M. L. Soares que nos deixou recentemente e de modo repentino, somos tentados a fazer hagiografia de nosso colega; também saltam na memória as suas destacadas virtudes, quando já não podemos mais contar com elas. Mas, é, sobretudo, a ausência da pessoa que nos toca na condição de companheiros de estrada. É nesse buraco que emergem as interrogações e os significados principais. A flecha da morte atinge o coração mais que a cabeça; é o último afeto que nos toma por inteiro e nos remete sempre de volta para a precariedade da existência. E é sempre desse território que buscamos alguma explicação e algum significado. A homenagem é uma dessas vozes que ecoam da ausência e afirmam de modo ritual ou verbal que o ausente foi singular, fez história e continua presente em espírito. O afeto permite dizer coisas que a empiria nua crua não diz porque aponta incessantemente para a ausência, e que os conceitos não formulam por estarem circunscritos às regras da coerência. O afeto pode imaginar de novo o passado pela recordação e projetar o futuro na mais radical esperança, para além da facticidade do presente sem solução. A objetividade que esconde as paixões na rotina das práticas acadêmicas não nos permite enveredar por esse caminho sedutor, embora ele subsista qual rio subterrâneo de todas as palavras aqui presentes nos mais diversos textos. Quem nunca deixou o coração comandar as experiências de morte de entes queridos que atire a primeira pedra da cientificidade. Por ora, o afeto busca o intelecto para dar forma ao edifício que construiu na convivência, na amizade a, agora, na saudade. A homenagem é a forma organizada de fazer memória à pessoa que se foi, a edificação que se mostra coerente, mas cujo conteúdo fundamental é de natureza amorosa, é o fragmento de uma totalidade que já não se mostra mais.

Na parede do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, da PUC-SP, ficará perpetuada essa foto afetivo-teórica do Professor Afonso que ora vem a público na forma de um Periódico científico, mesmo que ela envelheça e um dia já se torne desconhecida das gerações futuras. Pela escrita brincamos de eternidade, passamos adiante o que queremos perpetuar. Professor Afonso estará presente enquanto durar o presente texto na forma eletrônica e impressa como um elo que conectará o futuro ao passado. Qual flor sempre-viva que envelhecerá sem perder a forma, essa homenagem escrita guardará em suas letras o espírito deste que passou entre nós fazendo o bem.

A ausência do nosso pesquisador e professor no auge da carreira acadêmica deixa, sem dúvida, uma grande lacuna em nosso Programa e na área da teologia e

ciência da religião no Brasil. Ainda protestamos contra a sua morte. A nossos olhos uma tragédia! Na nossa rotina um desafio a continuar. Nas nossas existências mais um aprendizado. De fato, chega a ser cruel dizer que a morte nos ensina. Além das lições ontológicas da contingência que ela nos repete em cada ocorrência, nos ensina ainda coisas práticas. Aprendemos, por exemplo, que a burocracia acadêmica tem limites. Os trabalhos bem planejados esbarram com obstáculos imprevistos, a rotina e o cálculo também mostram seus limites, os sujeitos de carne e osso entram em cena com suas fraquezas. A retirada repentina de um colega afeta o sistema inteiro, contrariando a lei da objetividade institucional das burocracias que dispensariam por si mesmas a gestão personalizada. A ordem que resta é a da retomada do conjunto e da rotina acadêmica, ainda que o pesquisador e o professor sejam insubstituíveis em suas singularidades. Ainda que não saibamos prever, uma nova fase se abre como acomodação do conjunto na ausência de uma de suas partes importantes. O insubstituível exige uma substituição imediata; a parada abrupta dá lugar à sequência dos trabalhos e a vida continua.

Mas, na academia fica também a herança intelectual, o legado das ideias e os ideais comungados pelo ciclo profissional direto e pelo discipulado. Professor Afonso Soares deixou um rico legado para a teologia e a ciência da religião, em termos teóricos e práticos. Seus estudos fizeram a ligação entre as diferenças culturais, religiosas e teóricas. Colocou em diálogo a tradição judaico-cristã com as tradições afro-brasileiras, bebeu de teólogos europeus e latino-americanos, refletiu sobre as distinções e as relações entre teologia e ciência da religião, articulou ciência e fé, pensou o ensino religioso no horizonte da secularização... Profissional amante das diferenças, sintonizado com a verdade do outro e dedicado a construir pontes onde imperam as identidades fechadas e os dogmas intocáveis. Editor destemido que contribuiu com a divulgação da teologia e da ciência da religião. Pesquisador aberto que trouxe para a academia questões emergentes e problemáticas, como no caso emblemático do ensino religioso. Escritor criativo que pensou a relação entre religião e literatura e revelava em sua prática o bom gosto estético. As fronteiras foram o espaço habitado por ele com paixão e inquietação. Nelas buscou a casa do sentido pelas vias da fé e da razão e a casa comum da ética e do exercício profissional. Somente aqueles que aprenderam a lição socrática do “só sei que nada sei” e a verdade hermenêutica da “maieutica histórica” são capazes de transitar sempre na busca da verdade, da verdade que não se confina no idêntico, mas que se revela sempre na diferença. E a ciência da religião lhe forneceu a referência teórica e metodológica adequada para a investigação plural das pluralidades dos objetos, como ciência feita de ciências e como recorte capaz de incluir as múltiplas faces do objeto religião. Certamente por essa opção de vida e de método, Afonso soube ser, ao mesmo tempo, teólogo e cientista da religião, sem confundir os territórios

epistemológicos, mas, ao contrário, distinguindo cada abordagem para poder colocá-las em diálogo.

Esse perfil epistemológico (também metodológico, pedagógico e espiritual) se mostra nos temas abordados nas reflexões dos textos diversos desse número especial de REVER. Por certo, a obra de Afonso é testemunho coerente do que entendia como mais positivo do sincretismo, categoria essencial para descrever e analisar as culturas, incluindo a própria teologia, como professava e fazia.

A homenagem honra o ausente resgatando o que nós, os vivos, julgamos ter feito parte de seu perfil e da formação de seu pensamento; ela é feita do que restou em nossa memória sobre o homenageado e do que julgamos justo e correto ser lembrado em sua honra. Nesse prisma necessariamente limitador comunicamos aos leitores um pouco do personagem acadêmico Afonso Ligorio Soares. Outras dimensões de sua personalidade ficam de fora, porém continuam nos corações dos amigos que fez durante sua existência rápida e intensa. Aos 55 anos encerrou sua existência sem alarde e deixou-nos o grande desafio de dar continuidade na coordenação dos trabalhos do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião da PUC-SP. Sua competência técnica e habilidade política se mostravam fundamentais para o presente e o futuro do Programa. Na última reunião do colegiado que presidiu, Afonso havia lançado a todos os docentes o desafio de pensar o Programa para 2020. Estava convicto da necessidade de planejarmos os trabalhos olhando para frente, para além da estabilidade imediata das atividades exercidas por cada um. A conversa sobre o futuro havia apenas começado, porém já provocara, na ocasião, exercícios de avaliação pessoal e coletiva, explanação de sonhos e consciência de cenários vindouros. O cenário de 2016 trouxe a modificação inesperada e indesejada, antes do imaginado, confirmando, porém, sem disfarces a verdade presente na estratégia maiêutica do coordenador inesquecível: é preciso olhar para frente para não ser tragado pela rotina, é preciso sonhar para construir o novo, mesmo na conjuntura adversa.

A morte atravessa o presente solapando sua estabilidade e nos remete para o passado e para o futuro. Do passado reconstruímos a memória do ausente, recuperamos as imagens, os fatos e as ideias, do futuro retiramos as reservas utópicas para direcionar a atualidade e alimentar a esperança de que a vida continua. A memória edifica, registra, seleciona e idealiza o passado, segundo nossas opções. O futuro pode fazer a crítica utópica da precariedade presente e gestar o novo como semente. Nessa homenagem queremos fazer memória do Professor Afonso, recuperar de seu passado recente fatos, aspectos, ideais, planos e roteiros teóricos. A imagem selecionada ora apresentada esconde, por certo, o profissional real em sua grandeza e em seu mistério; revela, no entanto, o que os herdeiros diretos de sua companhia e amizade querem ressaltar como importante de sua vida e de

sua produção acadêmica. Se a memória é a forma presente do passado (Santo Agostinho), esse perfil traçado será, por certo, o Professor Afonso presente, perfil construído por um grupo de amigos que descortinaram em tempos e lugares diferentes um ângulo de sua personalidade, de seus valores e de suas reflexões. Não será mais que um retrato circunstanciado feito por várias mãos e que, oxalá, sirva para remeter para outras paragens afonsianas, onde podemos continuar descobrindo aspectos de sua vida e, acima de tudo, conteúdos de seu pensamento.

Todos os que escreveram os textos ora apresentados sentem-se impactados pela morte repentina do Afonso, que partiu sem avisar e que deixou um vazio enorme, e ficam na certeza de que ele continua presente. Os diversos textos, de uma forma ou de outra, homenageiam o colega e amigo, apontam *para além das imanências*: para além das fronteiras epistemológicas que costumava ultrapassar e para além da última fronteira imposta pela morte, e com a qual Afonso costumava brincar.

Esse número de REVER está dividida em quatro partes: Prólogos, Diálogos, Epílogos e Resenha. Na unidade Prólogos estão os textos que são convites para nos aproximar da figura humana e do intelectual que foi Afonso Soares; nos Diálogos são apresentados artigos que tratam de diferentes aspectos da sua obra; nos Epílogos o leitor encontrará testemunhos de pessoas que conviveram de perto com o nosso autor; na unidade Resenha há uma resenha sobre a última obra publicada por Afonso.

Agradecemos a todos os que contribuíram para a composição desse número especial. De maneira geral, as reflexões aqui apresentadas nos formatos de artigos científicos e ensaios traçam um panorama que se refere ao homenageado de maneira implícita ou explícita, como poderá observar o leitor. Boa leitura. Axé!!!

JOÃO DÉCIO PASSOS
WAGNER LOPES SANCHEZ
(coordenadores deste número)